

*UM IPÊ AMARELO  
UMA PAINEIRA BRANCA  
poemas encontrados na prosa  
de Rubem Alves*

*seleção e transcrição de  
Carlos Rodrigues Brandão*

*Quando temos esperança,  
o futuro se apossa de nossos corpos.*

*Perguntaram-me se acredito em deus,  
86*

*por que encontrar poemas em uma prosa tão poética?*

Em todos os livros escritos por Rubem Alves algumas palavras aparecem com uma generosa frequência: criança, deus, brinquedo, educação, ensinar, aprender, jardim, amor, desejo... e poesia.

Em capítulos de seus livros Rubem costuma transcrever passagens, ou mesmo poemas inteiros de seus poetas amados, mulheres, como Cecília Meireles ou Adélia Prado, ou homens, como Fernando Pessoa ou Robert Frost.

Assim como a sua educação pode ser imaginada como o semear um jardim, a sua teologia deve ser pensada como um exercício de poesia. E não só ela, mas na verdade talvez tudo o que ele tenha querido dizer, escrever ou mesmo viver.

No entanto, Rubem Alves raramente deu a forma de um poema ao que ele escreveu desde o seu primeiro até os livros de mais agora. Alguns escritos em forma de poema estão transcritos neste livro, ao final. Talvez, como em João Guimarães Rosa e em Gaston Bachelard, dois escritores amados por ele, porque a sua própria escrita já seja toda ela uma “prosa poética”.

De fato, é muito difícil ler uma página ou um livro inteiro de Rubem, sem se dar ao trabalho - ou ao prazer - de ler duas vezes. Uma para ler o que ele diz. Outra para saborear (“sabor” é outra de suas palavras queridas) o que e o como ele escreve. Pois o desejo de dizer-como-poesia está presente em todos os seus livros e em cada página de cada um deles. Está mais entremeado com a fala acadêmica da ciência nos primeiros livros, e está mais livre dela em todos os outros.

Creio que terá sido Manoel Bandeira quem “desentranhou” (palavra que ele mesmo utilizou na ocasião) alguns poemas escondidos dentro da prosa de outros escritores. Pois foi a mesma coisa que foi aventurada aqui. Este livro é de algum modo parecido com um trabalho de garimpeiro. Mas de acordo com uma

imagem bem mais cara a Rubem Alves, ele pode ser pensado como um gesto de um jardineiro. Um criador de jardins que para levar à mulher amada um buquê de flores, sai por ele afora, e entre as inumeráveis plantas que lá há, escolhe com atenção e carinho não apenas as flores, mas algumas ramas de folhas belas ocultas entre muitas outras.

E até pode ser que ele leve a quem ama (se tiver coragem para tanto) um inusitado ramallete. Pois em um dos poemas transcritos aqui, Rubem desanima apaixonados de ofertarem um buquê de rosas, e ousarem levar nas mãos um ramallete de cebolas. Pelo menos Pablo Neruda, a quem ele recorda então, aprovaria este gesto inusitado.

Percorrendo com a atenção de dois ou três olhares de leitura vários de seus livros, eu fui “desentranhando” passagens onde me parecia que havia um poema no interior de uma prosa já tão poética. E tudo o que fiz foi colocar, como em um poema, verso a verso, linha a linha, algumas frases sequentes de uma passagem de sua prosa.

Mais de uma vez conversamos, ele e eu, sobre este mistério que leva alguns prosadores-poetas a não escreverem poemas, da mesma forma como alguns de seus poetas mais amados raramente ousaram escrever prosa. Cheguei mesmo a desafiá-lo a saltar da prosa-poética para o poema-em-prosa, pelo menos em alguns momentos. E lembro-me de que a sua resposta foi a de que toda a poesia que saía de seu desejo de escrever estava acostumada a tomar a forma de uma crônica, de uma escrita linear, tal como a minha, aqui, neste momento.

Lembrei então do que certa feita um poeta disse. Não sei bem se Jean Cocteau ou outro. Ele, ou um outro diziam: “a prosa se escreve com ideias, a poesia com palavras”. Se não disse isto, disse quase isto. E hoje, com os inigualáveis recursos da informática, você que deve entender do assunto bem melhor do que eu facilmente poderia encontrar no *Google*, ou onde seja, tanto o autor da frase quanto a frase do autor.

E então aconteceu que eu recordei que em Rubem Alves a palavra “palavra” aparece muitas vezes mais do que a palavra “idéia”. A simples leitura dos poemas reunidos aqui haverá de comprovar o que digo. Talvez por isto mesmo, sem escrever poemas Rubem poetiza o que escreve. E também porque ele escreve em nome do desejo de colocar no papel o que sonha ou imagina, e raramente ele escreve em nome do dever de por por escrito o que ele pensa. E de igual maneira ele “deseja” que quem o leia, leia o que ele escreveu como quem sonha com ele um jogo de “sonhar juntos”. Rubem Alves é como um Gaston Bachelard “diurno”, que um dia resolveu escrever somente quando as estrelas aparecem. E assim, tal como o Bachelard “noturno”, ele saltou feliz do “conceito” para o “devaneio”.

Realizar este livro, tramado com ele mesmo há muitos anos atrás, e depois com outras pessoas amigas há bem menos tempo, foi também bem mais a realização de um desejo do que o cumprimento de um dever. Tomei alguns de seus livros. Não todos, claro, porque são muito e então este livro teria o exagerado tamanho de uma “obra completa”. Que em outros momentos, talvez uma outra pessoa se aventure por outros livros, inclusive os escritos de suas memórias e com o valor de uma quase autobiografia, como o inesquecível *O velho que acordou menino*.

Viajei - no duplo ou mesmo triplo sentido desta palavra - por entre as páginas de alguns de seus livros. Quase todos já velhos conhecidos meus. E os li agora com a atenção presa no exercício de uma “segunda leitura”. Aquela em que se lê não para aprender algo, ou dialogar algo com quem escreveu, mas para simplesmente se deixar levar - como quem passeia, como ele mesmo, por um jardim - pelo deleite de conviver com a pura poesia presente em algumas de suas passagens.

E fui então assinalando aqui e ali, parágrafos, partes de parágrafos, ou a junção de trechos de dois parágrafos sequentes ou próximos, onde, como em Manuel Bandeira

- guardadas as proporções - algo dentro de mim exclamava com a saborosa alegria da surpresa: “aqui há um poema escondido”.

E então tomava a passagem e a transcrevia na forma como se verá destas páginas em diante. Creio haver sido fiel ao que eu e este querido e já quase ancestral amigo - tantos são os anos que convivemos a vida em tantos e tantos lugares - em duas ou três ocasiões andamos tramando. Logo quem me leia verá que, tal como acontece em livros de outros poetas, eu escolho uma frase completa ou um trecho de um frase para título de cada um dos poemas. Será então como se ele próprio estivesse dando, a cada um, o seu nome.

Os poemas escolhidos não seguem nenhuma sequência de “cada livro” e, menos ainda, a seriação de uma mesma temática, como “Deus”, a Palavra”, “a Poesia”, “a Criança” e assim por diante. Ao contrário, e para usar duas palavras muito caras ao Rubem, este livro se parece mais a uma “floresta”, em que pelas mãos da natureza as plantas vão nascendo e crescendo por onde querem, ou podem, do que um “jardim”, onde cuidadosa e amorosamente um jardineiro escolhe grupos de plantas para que cresçam juntas num mesmo canteiro.

Quando encontrei algum escrito seu já com a forma de um poema, como o poema que se poderá ler logo em seguida a esta “apresentação”, eu o transcrevi tal como ele foi escrito no original. Eles estão reunidos na sequência final deste livro.

Seu nome: *Um Ipê Amarelo, uma Paineira Branca* merece uma explicação. Mas posso oferecer a quem me leia, duas. A primeira seria o persistente amor que Rubem Alves sempre teve pelas plantas, pelas flores e frutos e, mais do que tudo, pelas árvores.

Posso até narrar aqui uma passagem que bem demonstra isto. Certa feita viajávamos os dois de Campinas a Caldas, no Sul de Minas, e ao Vale da Pedra Branca, onde no quase alto de uma serra ele construiu o seu “Mar de Minas”, onde plantou várias e simbólicas árvores. Pois

então íamos pela estrada. E era um julho quase frio e ele dirigia o carro. Pouco depois de havermos passado por São João da Boa Vista, antes de chegarmos a Águas da Prata eis que Rubem Alves freia súbita e quase perigosamente o carro.

Levei o susto devido, e perguntei a ele o que havia, pois imaginei algum problema mecânico que a nós dois nos poria em perigo. “Aquele Ipê Amarelo tem que ser visto de perto!”, ele me quase gritou, enquanto abria a porta de seu lado do carro. Saltamos os dois, e no acostamento de uma rodovia ficamos contemplando a copa da árvore sem folhas e recoberta de flores com a cor da luz do sol, durante um bom tempo.

A segunda é mais próxima do título do livro. Deixo que ele mesmo o narre.

*No meu sítio eu tenho um cemitério, Planto árvores para os amigos que morrem. Aí percebi que não era certo plantar árvores só para os já encantados. Resolvi plantar árvores para aqueles que ainda vão morrer, Já plantei um Ipê Amarelo, lugar de repouso para as minhas cinzas. Pois o Brandão, numa de suas viagens de ônibus, noturna, foi vítima de um acidente. O ônibus se chocou com a traseira de um caminhão. Muitas pessoas morreram. Ele se chocou com o banco da frente, o rosto ficou estilhaçado, e o sangue começou a jorrar. Ele pensou que a sua hora chegara e começou a rezar agradecendo a Deus a vida que tivera. No meio de suas rezas, um pensamento cruzou sua mente: “Eu não disse ao Rubem qual é a árvore que eu desejo que ele plante para mim...” Ele não morreu e teve tempo para me dizer que a árvore que ele amava era a Paineira Branca. Ela já está plantada. Assim, quando ficarmos encantados, poderemos conversar sem que ninguém nos ouça, um Ipê Amarelo e uma Paineira Branca... (Encantar o mundo pela palavra, pg. 85)*

Narrado isto, deixo vocês com um primeiro poema do Rubem. Um dos escritos dele que tomou a forma de um poema. E faço isto porque é de uma árvore que ele fala.

*Rosa dos Ventos, Sul de Minas*  
*4 de fevereiro de 2014\**  
*Carlos Rodrigues Brandão*

*\* Sei que Rubem Alves, assim como eu mesmo, mesmo sendo um amante da festa, da celebração, do símbolo, da música e da alegria, nunca foi propriamente um “carnavalesco”. Mas, para que se saiba, devo comunicar a ele e a todas e todos que terminei este livro no começo da noite da “Terça Feira Gorda” do Carnaval de 2014.*

*Vou plantar uma árvore*

*Vou plantar uma árvore  
será  
o  
meu  
gesto  
de  
esperança.*

*Copa grande, sombra amiga,  
galhos fortes, crianças no balanço  
e muitos frutos carnudos, passarinhos em revoada*

*Mas o mais importante  
de tudo: ela terá  
de crescer  
de  
va  
gar  
mui  
to  
de  
va  
gar.  
Tão  
de  
va  
gar  
que  
à sua sombra  
eu nunca me assentarei.*

*Eu a amarei pelos meus sonhos que ela abriga... E vou  
dizê-los  
como poemas, quando as minhas mãos revolverem a  
terra.  
Desejarei que haja pão para todos.*

*Me riiei dos homens de guerra correndo, despidos,  
suas fardas, bolas e espadas uma imensa fogueira...  
Imaginarei que os leões  
aprenderão com os cordeiros o gosto bom do capim. E  
os grandes  
pararão o seu trabalho para fazer lugar para brinquedo  
das  
crianças. Escolhi este gesto porque são coisas mansas e  
tranquilas.*

*Diferente dos dentes do homens de guerra e dos  
números dos homens de lucro. As árvores celebram a  
vida e se  
oferecem como promessas  
numa liturgia de paz. Com elas se inicia  
um futuro. Mas a guerra e o lucro engordam com as  
carnes dos  
sacrificados: gritos ferozes numa liturgia de fim de  
mundo.*

*Plantarei minha árvore.  
Cantarei minha esperança.*

*Pensava que o primeiro a plantar uma árvore a cuja  
sombra  
nunca se assentaria, foi o primeiro a pronunciar o nome  
do Mes-  
sias.*

*Algum dia o poder será dado à ternura.*

*Venha  
plante  
uma  
árvore  
comigo*

*O quarto do mistério, 199 e 200*

*E eles riam o meu riso*

E vou escrever.  
Escrever é a minha maneira de ser.  
Escrever me dá alegria  
(mesmo quando estou triste).  
Escrevo para derrotar a tristeza.  
É só começar a escrever para que as coisas felizes  
Comecem a dançar na minha imaginação.  
É uma alegria solitária, só minha.  
Mas logo a solidão se transforma em comunhão.  
O riso salta do papel do livro  
e faz cócegas nos leitores.  
E eles riam o meu riso.

*A maçã, 28*

## *Ficou azul*

Foi então que, de repente ouviu-se  
no meio do caos uma melodia:  
eram os sonhos adormecidos da matéria  
que viviam no fundo das águas  
e que acordavam do seu longo sono.  
E do fundo das águas lamacentas brotou o Lótus,  
a flor sagrada, branca.  
E o caos, vendo a beleza do Lótus, ficou manso.  
A fúria se acalma diante da beleza.  
O mar ficou tranquilo. Ficou azul.  
A vento impetuoso tornou-se riso.  
Do Lótus surgiu uma luz que espalhou  
pelo espaço as sete cores do arco-íris.  
E surgiram as galáxias, as estrelas, o Sol, a Lua.  
De noite brilhavam as estrelas.  
De dia brilhava o Sol.  
E entre o dia e a noite a Lua navegava  
pelo mar azul do céu.

Mas tudo era grande demais.  
E a beleza não gosta das coisas grandes.  
Ela então formou esse pequeno lugar onde moramos,  
a Terra, para ali fazer sua obra mais bela:  
um jardim.

*Perguntaram-me se acredito em Deus, (Perguntaram-me), 23 e 24.*

*Possuído pelo sonho*

Possuído pelo sonho  
o corpo se põe a trabalhar.  
Primeiro a devoção  
e, depois... a devoção  
- quem tem amor a uma ilha distante  
ama também os perigos de navegar.

*O melhor de Rubem Alves (omdra), 13*

*Da coisa rara que é a amizade*

Lembrei-me dele e senti saudades...  
Tanto tempo que a gente não se vê.  
Dei-me conta com uma intensidade incomum  
da coisa rara que é a amizade.  
E, no entanto, é a coisa mais alegre que a vida nos dá.  
A beleza da poesia, da música, da natureza,  
as delícias da boa comida e da bebida  
perdem o gosto e ficam meio tristes  
quando não temos um amigo com que compartilhá-las.  
Acho mesmo que tudo o que fazemos na vida  
pode resumir-se nisto: a busca de um amigo,  
uma luta contra a solidão.

*Retorno e Terno, 11*

*Gosto de ipês de forma especial*

Gosto de ipês de forma especial.

Questão de afinidade.

Alegram-se em fazer as coisas ao contrário.

As outras árvores fazem o que é normal

abrem-se para o amor na primavera,

quando o clima é ameno

e o verão está para chegar

com seu calor e chuvas.

O ipê faz amor

justamente quando o inverno chega

e a sua capa florida

é uma despudorada e triunfante

exaltação ao cio.

*omdra, 160*

## *Outubro é outono*

Era outubro.  
Outubro é outono.  
O outono é quando o vento frio  
chega e sopra endurecendo as orelhas  
vermelhando o nariz,  
e as folhas, tocadas pela geada,  
Entram em agonia.  
Felizes aquelas folhas!  
Como elas morrem tranquilas!  
Como elas morrem belas!  
O outono por aquelas bandas  
é a coisa mais bonita que vi em minha vida.  
Tão bonito eu dói!  
Dói porque é uma beleza que diz adeus.

*A maçã, 11*

*O corpo estremece. Está apaixonado*

A alma é uma coleção de belos quadros adormecidos,  
os seus rostos envolvidos pela sombra.  
Sua beleza é triste e nostálgica,  
porque, sendo moradores da alma, sonhos,  
eles não existem do lado de fora.  
Vez por outra, entretanto,  
defrontamo-nos com um rosto  
que sem razões faz a bela cena acordar.  
E somos possuídos pela certeza  
de que este rosto que os olhos contemplam  
é o mesmo que no quadro  
está escondido pela sombra.  
O corpo estremece. Está apaixonado

*Retorno e Terno, 37*

*Junto com as bolinhas de gude*

Junto com as bolinhas de gude moro eu,  
menino que só existe como saudade.  
De todas as gavetas,  
acho que esta é a que mais se parece  
com a nossa cabeça,  
baú entulhado com memórias  
de felicidades que tivemos,  
pois as pressões da realidade  
deixam pouco tempo para o devaneio.  
Mas, vez por outra,  
uma imagem inesperada  
faz acordar os objetos adormecidos.  
Eles se mexem, vem da saudade  
e a gente se põe a procurá-los.  
Não é por isso que temos álbuns de retratos?  
Arquivos paralisados de felicidades perdidas  
que retornam quando de novo as vemos.

*Alegria de ensinar, 72*

## *Memória*

Memória:

um saber que o passado sedimentou.  
Indispensável para se repetir  
as receitas que os mortos nos legaram.  
E elas são boas.  
Tão boas que elas nos fazem esquecer  
que é preciso voar.  
Permitem que andemos  
pelas trilhas batidas.  
Mas nada têm a dizer  
sobre os mares desconhecidos.

*Alegria de ensinar, 81*

*Como na lagarta mora*

O corpo é o lugar fantástico  
onde mora adormecido um universo inteiro.  
Como na terra moram adormecidos  
os campos e suas mil formas de beleza,  
como na lagarta mora adormecida uma borboleta,  
e na borboleta, uma lagarta;  
como nos sapos moram príncipes,  
e nos príncipes, sapos;  
como em obedientes funcionários  
que fazem o que deles se pede,  
moram poetas e inventores  
que voam pelos espaços sem fim dos sonhos.  
Tudo adormecido.  
O que vai acordar  
é aquilo que a palavra vai chamar.

*Abril, maio, o outono começou*

Gosto de passear pelo campus da Unicamp,  
domingos pela manhã, quando o tempo está bonito.  
Abril, maio, o outono começou,  
há uma grande tranquilidade em tudo,  
o céu azul eterno,  
as cigarras e o seu zinir enchendo o ar,  
chamando parceiros para o amor,  
depois de longos anos  
que passaram ocultas no fundo da terra escura,  
o vento está discretamente frio,  
bom para empinar papagaios,  
os seus ânus atrevidos soltam seus pios,  
e ao longe se podem ver os lagos,  
garças brancas nas margens.  
Nenhum ruído metálico  
perturba a calma da natureza,  
e de quando em quando,  
se veem crianças correndo.

*Estórias de quem gosta de ensinar, 153*

*E nem passeia por eles*

Todo o jardim começa  
com um sonho de amor.  
Antes que qualquer árvore seja plantada  
ou qualquer lago seja construído  
é preciso que as árvores e os lagos  
tenham nascimento dentro da alma.  
Quem não tem jardins por dentro  
não planta jardins por fora.  
E nem passeia por eles...

*Conversas com quem gosta de ensinar, 156*

*As maçãs eram sacramentos*

Comendo o mundo  
aquelas maçãs estavam cheias de outono,  
de folhas amarelas, de folhas vermelhas,  
de geada, de cheiro de folhas no chão.  
De nostalgia.  
Dentro de cada maçã havia um mundo,  
o mundo deles.  
Comendo a maçã, eles comiam  
também o mundo que havia nela.  
As maçãs eram sacramentos.  
as minhas maçãs eram sacramentos  
de um outro mundo,  
ainda que estivessem na mesma cesta.

*A maçã, 14*

## *E Deus entrou na dança*

E esse caracol de sons foi enrolando tudo,  
tomando a forma de um homem e uma mulher  
que se abraçavam e se separavam,  
por vezes entravam um dentro do outro  
de tal forma que nem era possível saber qual era qual,  
e Deus entrou na dança. Os corpos nus  
e achavam bonita a nudez porque eram crianças  
que brincavam uma com a outra,  
o corpo da mulher era brinquedo para o homem,  
o corpo do homem era brinquedo para a mulher,  
e de vez em quando eles desapareciam  
numa explosão de cores e perfumes,  
e Deus se viu refletido pela primeira vez nos olhos deles,  
duas crianças, homem e mulher...  
E do seu amor surgiram  
as primeiras palavras a serem faladas.

*Perguntaram-me, 32*

*Felicidade é sempre um reencontro*

Eu queria tomar as coisas do jardim  
para com elas, reconstruir uma saudade.  
Usar as cores, os gostos, os perfumes,  
os sons, as sensações táteis como pontes  
para voltar a algum lugar do passado  
que mora dentro de mim.  
As minhas memórias revelam o segredo  
daquilo que me poderá fazer feliz.  
Felicidade é sempre um reencontro.  
Só posso sentir saudades  
daquilo que um dia  
eu tive e depois perdi.

*O quarto do mistério, 18*

*Deus é o nome que dou*

Deus é o nome que dou  
a um vazio imenso  
que mora na minha alma.  
Vazio onde voam os meus desejos  
na esperança de encontrar, no futuro,  
as coisas amadas  
que o tempo me roubou.

*omdra, 69*

## *Brinquedos não envelhecem*

A saudade me levou a abrir  
a porta do armário dos brinquedos velhos.  
Lá estão eles, do jeito que como os deixei:  
silenciosos, eternos, fora do tempo.  
São como eram.  
Brinquedos não envelhecem.  
Acordam do seu sono e me olham espantados,  
ao notar as marcas do tempo no meu rosto.  
Zombam de mim com uma acusação:  
“bem feito, esqueceu da gente,  
parou de brincar, envelheceu de repente!”  
Mas logo se apressaram em me consolar,  
vendo a minha tristeza:  
“mas pra velhice tem um remédio que só nós guardamos.  
É só tomar: o tempo começa a rodar para trás,  
o velho fica menino de novo.  
E esse remédio se chama brincar.  
Venha brincar conosco!”

*A maçã, 42*

### *Vejo a Alfa de Centauro*

Olho para o céu.  
Vejo a Alfa de Centauro.  
Os astrônomos me dizem  
que a estrela que agora vejo  
é a estrela que foi, há dois anos.  
O que eu vejo é o que não mais existe.  
E será inútil que eu pergunte:  
Como será ela agora?”  
Vejo sempre aquilo que foi.  
Nisto as cartas se parecem com as estrelas.  
A carta que a mulher tem nas mãos,  
que marca o seu momento de solidão,  
pertence a um momento que não existe mais.  
Ela nada diz sobre o presente do amante distante.  
Daí a sua dor.  
A carta de amor é um abraçar do vazio.

*Retorno e Terno, 44 e 45*

*Mas é isto que quem ama não aceita*

Mas é isto que quem ama não aceita.  
Mesmo aqueles em que a chama se apagou  
sonham em ouvir de alguém, um dia  
as palavras que Heine escreveu para uma mulher:  
“Eu te amarei eternamente e ainda mais”.  
É preciso que a chama não se apague nunca,  
mesmo que a vela vá se consumindo.  
A arte de amar é a arte de deixar  
que a chama não se apague.  
Não se deve deixar a luz dormir.  
É preciso se apressar em acordá-la.  
E, coisa curiosa:  
a mesma chama  
que o vento impetuoso apaga  
volta a se acender  
pela carícia do sopro suave.

*Retorno e Terno, 24*

*Somos as estórias que moram em nós*

A palavra é o começo de tudo.  
Com a palavra o universo começou.  
Com a palavra nós começamos.  
Somos poemas encarnados.  
Somos as estórias que moram em nós.  
Se as palavras que moram em nós  
formarem estórias belas,  
seremos belos e bons.

*omdra, 278*

*Galos são arautos de um mundo*

Preferiria ser acordado  
pelo canto dos galos.  
Porque cantos de galos  
são mais do que cantos de galos.  
Cantos de galos são lugares  
onde moram universos inteiros,  
cenários e tempos  
que podem ser reconhecidos  
por aqueles que em algum tempo do passado  
moraram neles.  
Galos são arautos de um mundo.  
Seria bom ouvi-los de novo,  
pois então eu voltaria  
àqueles mundos onde vivi,  
e que agora moram  
infinitamente longe,  
no passado.

*Pensei estas coisas*

Pensei estas coisas  
depois de ter tentado aprender  
com os animais e as plantas  
o segredo de sua tranquilidade.  
Nunca poderemos participar da sua felicidade.  
Para sermos tranquilos como bichos e árvores  
seria necessário que não tivéssemos coração.  
Estamos condenados ao sofrimento  
porque estamos condenados ao amor.

*Retorno e Terno, 50*

*Eu e o outro jardineiro*

O jardim é o rosto de nossas entranhas;  
somos o jardim que plantamos.

Ou o jardim que amamos  
sem que o tenhamos plantado,  
mas que outro plantou.

E quando isto acontece  
podemos ter certeza de que sonhamos  
sonhos parecidos.

É possível que possamos  
nos tornar conspiradores...

Eu e o outro jardineiro.

*O quarto do mistério, 23*

*Perguntaram-me se acredito em Deus*

Perguntaram-se se acredito em Deus.  
Respondi com versos do Chico:  
“Saudade é o revés do parto.  
É arrumar o quarto  
para o filho que já morreu”.  
Sou um construtor de altares.  
Construo altares à beira  
de um abismo escuro e silencioso.  
Eu os construo com poesia e música.  
Os fogos que neles acendo  
iluminam o meu rosto e me aquecem.  
Mas o abismo permanece  
escuro e silencioso.

### *Os riachos de águas transparentes*

Tenho um pedacinho de terra  
na Serra da Mantiqueira.  
Não faço nada com ele.  
Fica lá como um objeto de puro gozo,  
do jeito como vai renascendo, a cada ano,  
das forças misteriosas da natureza.  
Nem preciso estar lá para sentir prazer.  
Basta-me pensar nele,  
e saber que ele está à minha espera.  
Os olhos ficam logo fascinados  
com as coisas grandes:  
as montanhas que se sucedem,  
até desaparecerem no horizonte,  
azuladas, escondidas em brumas.  
Os riachos de água transparente  
que correm sobre pedras  
em meio das samambaias,  
aos lírios do brejo,  
às flores vermelhas cujo nome não sei,  
e que de tempos em tempos  
se transformam em cachoeiras.  
As gigantescas araucárias de troncos enrugados,  
paraíso de pica-paus de penachos vermelhos  
e dos pintassilgos.

*Fé, um morango*

Fé é um morango  
que se come pendurado num galho  
à beira do abismo,  
pelo gosto bom que tem,  
sem nenhuma promessa  
de que ele nos fará flutuar  
quando o galho se quebrar...

*omdra, 126*

*Sonho antes do sonho*

Bosques belos,  
sombrios, fundos:  
mistério antes do sonho:  
acontecem antes no espaço acordado  
antes da caminhada,  
e no aperto do desejo:  
promessas que precisam ser cumpridas.

Poema: sonho antes do sonho,  
sonho de quem anda.  
Sonho, poema de quem adormeceu...  
Sombras sobre sombras,  
sonho sobre sonho  
vontade de dizer poema  
sobre poema já dito.  
Funduras evocadas:  
eu não sabia delas.

Não são as de Frost.  
São as minhas.  
Os meus bosques...  
Não sou um bosque?

*O quarto do mistério, 86*

*os assombros do mundo*

Os poetas são religiosos  
que não precisam de religião:  
os assombros deste mundo  
lhes são suficientes.

*omdra, 270*

### *Escultura de pedras soltas*

pedras catadas à beira-mar,  
não trabalhadas por nenhum cinzel.  
Elas, do jeito como eram encontradas  
diziam coisas, faziam sugestões,  
tinham uma fala.  
Bastava que fossem arrumadas.  
A função do artista era, em primeiro lugar,  
a paciência da procura;  
entre centenas de lascas espelhadas pela praia,  
somente algumas podiam ser entendidas.  
Depois, procurar as articulações, as integrações.  
Cada pedra deixava de ser pedra  
e passava a ser parte de uma imagem maior.  
O seu triunfo estava nisso:  
ver figuras humanas onde os outros  
só viam lascas polidas.

*O quarto do mistério, 103*

*As aves do céu, os lírios dos campos*

Tudo o que vive é pulsação do sagrado.  
As aves dos céus, os lírios dos campos...  
Até o mais insignificante grilo  
no seu cricri rítmico,  
é uma música do Grande Mistério.  
É preciso esquecer os nomes de Deus  
que as religiões inventaram  
para encontrá-lo sem nome  
no assombro da vida.

*omdra, 75*

*E agora provo as resinas*

Não, meus bosques não acabaram.  
E nem entrou luz.  
Mas meus olhos ficaram mais sensíveis na escuridão.  
E sinto cheiros que não sentia,  
e ouço barulhos que não ouvia,  
e agora provo as resinas e bebo do mel e da losna.  
Porque aprendi nomes,  
e ao pronunciá-los quebro o feitiço dos maus espíritos

Também meus olhos ficaram menos baços  
e os monstros submarinos fogem igualmente  
quando os seus nomes são pronunciados,  
o que me permite extasiar-me pelas esculturas de coral  
e os movimentos eróticos das anêmonas...

Não se trata de eliminar o mistério  
mas de frequentá-lo sem medo,  
protegidos pela magia do poema  
que espanta os demônios e invoca o prazer.

*O quarto do mistério, 99*

*Os abismos dizem sempre a verdade*

Os abismos dizem sempre a verdade.  
Eles têm uma sabedoria a ensinar  
se fizermos silêncio para ouvir a sua voz.  
Mais perigosa que os abismos  
é a alegre despreocupação  
que anda pelos caminhos do vale.  
Neles vive o esquecimento.  
E quem se esquece é comido pela morte.

*omdra, 310*

*Mas eu as amava*

Porque as palavras  
de tantas repetições vão ficando gastas  
e, de repente, nada mais são do que cascas de cigarra,  
vazias, agarradas aos troncos rugosos das árvores.  
Testemunhas de um espaço onde esteve a vida.  
Contas de vidro, opacas e sem brilho.

Mas eu as amava!  
E imaginava que, quem sabe,  
tal como a lâmpada de Aladim  
elas voltariam a brilhar transparentes,  
se fossem aquecidas com sofrimento e esperança.  
Esta era a minha doida-presunçosa esperança:  
fazer viver uma coisa que, para mim, estava morta.

*O quarto do mistério, 161*

*E a alma pode então*

Por vezes, nas minhas fantasias,  
eu entro para um mosteiro.  
Protegidos por seus muros de pedras,  
seus jardins e fontes falam de calma,  
do tempo vagaroso e nostálgico dos sinos,  
que pontuam com música sempre igual  
a presença da eternidade.

Separado da loucura dos homens  
o corpo se acalma.  
E a alma pode então se entregar à alegria  
dos pensamentos mansos.  
Pelas manhãs os monges leem seus breviários,  
as mesmas palavras sagradas  
que vão atravessando os séculos.

*Conversas sobre política, 71*

*Achei que conhecia o meu jardim*

Achei que conhecia o meu jardim.  
Pois foi da minha cabeça  
que ele saiu.  
Cada planta tinha uma razão de ser.  
Uma história.  
Uma memória.  
Bastava olhar pra ele  
para despertar em mim  
meu ardor de jardineiro:  
canteiro para regar,  
tiriricas pra arrancar,  
terra pra estercar,  
galhos para podar,  
pragas para matar.  
De tesoura de podar  
e pazinha na mão  
eu era utilidade  
da cabeça aos pés.  
Era preciso trabalhar.

Aí eu fiquei doente.  
E o jardim, de repente  
ficou diferente.

*E o educador, um outro tipo de escultor*

O escultor ama o bloco de mármore  
por causa da beleza da Pietá  
que está dentro dele.

E seu trabalho de escultor  
é uma luta contra o mármore bruto  
para arrancar a beleza que ele sepulta.

E o educador - um outro tipo de escultor  
ama os adolescentes terríveis e violentos  
porque sabe que em algum lugar de sua alma  
vive uma beleza adormecida.

*omdra, 59*

*Arroz e feijão, o abraço de amor*

Beber o encanto de estar no mundo!  
Não importa que ele nos venha  
em pequenos fragmentos de alegria,  
de compaixão, de amizade, de silêncio,  
arroz e feijão, o abraço de amor  
a poesia, as coisas do dia a dia.

A felicidade é assim,  
não é coisa grande que vem para ficar.  
Sabe disso Guimarães Rosa,  
que dizia que ela só acontece  
em raros momentos de distração.  
Mas é justo assim que Deus vem,  
quando estamos distraídos,  
eternidade num grão de areia,  
reflexos do sol na água do charco.

*O quarto do mistério, 184*

*Um amigo me disse*

Um amigo me disse que o poeta Mallarmé  
tinha o sonho de escrever  
um poema de uma palavra só.  
Ele buscava uma única palavra  
que contivesse o mundo.  
Eliot, no seu poema “O rochedo”  
tem um verso que diz que temos  
“conhecimento de palavras  
e ignorância da Palavra”.  
A poesia é uma busca  
da Palavra essencial,  
a mais profunda,  
aquela da qual nasce  
o universo.

*Encantar o mundo pela palavra, epígrafe*

*Poetas não escrevem sobre cebolas*

Nesse momento, fui até a estante  
e peguei um livro de Pablo Neruda,  
“Odes elementares”,  
e li o poema “Ode à cebola”.  
Poetas não escrevem sobre cebolas,  
mas sobre rosas.  
Mas as rosas são objetos completamente bobos;  
não fazem pensar.  
Quando damos rosas para uma mulher,  
todas dizem a mesma coisa: “que lindas!”.  
Agora, dê um buquê de cebolas!

*Encantar o mundo pela palavra, 35*

*A branda fala da morte*

A branda fala da morte  
não nos atemoriza  
por nos falar da morte.  
Ela nos aterroriza  
por nos falar da vida.  
Na verdade a morte  
nunca fala sobre si mesma.  
Ela sempre nos fala  
sobre aquilo que estamos  
fazendo com a própria vida,  
as perdas, os sonhos  
que não sonhamos  
os riscos que não tomamos  
os suicídios lentos  
que perpetuamos.

*O quarto do mistério, 221*

*Estou semeando*

Estou semeando as sementes  
da minha mais alta esperança.  
Não busco discípulos  
para comunicar-lhes saberes.  
Busco discípulos para neles  
plantar minhas esperanças.

*omdra, 25*

*Natal não é festa para crianças*

Natal não é festa para crianças.  
Elas já sabem que Deus é criança.  
Não é festa para elas.  
É festa delas para os adultos que estão perdidos.  
Por isso eu sugiro que no Natal  
as crianças façam coisas que nunca fizeram:  
que elas deem brinquedos como presentes  
para os seus pais,  
mesmo que sejam brinquedos velhos.

Aí, quem sabe, o milagre acontece:  
os adultos viram crianças de novo  
e os filhos ganham, então,  
o melhor de todos os presentes:  
companheiros de brinquedos.

*omdra, 99*

## *Sagrado*

Sagrado  
é aquilo que mesmo  
depois de morrer,  
volta sempre  
chamado pela voz da saudade.  
Deus existe  
para nos curar da saudade.

*omdra, 105*

*É somente isto que faz um povo*

Eu sabia que para se pensar uma comunidade  
é preciso pensar primeiro uma linguagem.  
É nela que se encontram os seus sonhos de amor.  
É somente isto que faz um povo.  
Os homens e mulheres se dão as mãos  
quando possuem um objeto comum de lealdade.

A vida nada mais é do que uma tapeçaria  
que se tece sobre estes dois deuses:  
Marte e Vênus.  
No meio deles está  
a nossa Terra,  
onde a vida acontece.

*Da esperança, 39*

*Sem que eu soubesse*

As correntes do rio profundo  
foram mais generosas  
que o meu remar contra elas.  
Não cheguei aonde planejei ir.  
Cheguei, sem querer,  
aonde meu coração queria chegar,  
sem que eu soubesse.

*omdra, 154*

*Crianças são sonhos*

Crianças são sonhos.  
Sob a sua mansa aparência infantil  
se esconde o segredo  
de nossa felicidade perdida.  
Pois não é verdade  
que alguma coisa se perdeu  
quando deixamos de ser crianças?

*Alegria de ensinar, 61*

*A beleza da copa do ipê*

A ansiedade é o buraco  
deixado pelo desejo esquecido,  
um buraco de um coração  
que não mais existe,  
grito desesperado pedindo  
que desejo e coração voltem  
para que se possa de novo  
gozar a beleza da copa do ipê  
contra o céu azul.

*Ondra, 191*

*Tempus fugit*

O ser oscila ao toque da luz.  
Ao meio dia o céu é um lago-espelho.  
Nada se move.  
O tempo não existe.  
Tudo é eterno.  
Ao crepúsculo, entretanto  
o lago imóvel se transforma num rio.  
Rapidamente as cores se sucedem,  
o azul vira amarelo,  
o amarelo passa ao verde,  
ao rosa, ao laranja,  
ao vermelho, ao roxo  
para, finalmente mergulhar  
em cachoeira no negro da noite.  
Tempus Fugit.

*omdra, 203*

*É delas que o nosso corpo é feito*

Palavras, coisas etéreas e fracas,  
meros sons.

No entanto é delas que o nosso corpo é feito.

O corpo é a carne e o sangue  
metamorfoseados pelas palavras que aí moram.

Poetas sagrados sabiam disso  
e disseram que o corpo não é feito  
só de carne e sangue.

O corpo é a Palavra que se fez carne:  
um ser leve que voa por espaços distantes.

Pensar é voar.

Voar com o pensamento é sonhar

É o poder de sonhar que nos torna humanos.

*Alegria de ensinar, 67*

## *O jardim é uma metáfora*

Para os que não entendem  
a linguagem da poesia eu explico.  
O jardim é uma metáfora da sociedade:  
é a sua grande utopia,  
uma estrela inatingível que indica a direção.

Por vocação divina os homens  
devem ser jardineiros.  
E o objetivo da vida é construir jardins.  
Os jardineiros tem uma missão de amor.  
Por isso são fracos.  
Mas o Estado tem uma missão de força.  
Por isso ele tem de ser forte.  
É preciso ser forte para deter a morte.

*Conversas sobre a política, 94*

*A proximidade da morte ilumina a vida*

A proximidade da morte ilumina a vida.  
Aqueles que contemplam a morte nos olhos  
veem melhor, porque ela tem o poder  
de apagar do cenário  
tudo aquilo que não é essencial.  
Os olhos dos vivos,  
tocados pela morte, são puros.  
Eles só veem aquilo  
que o amor tornou eterno.  
A morte nunca fala sobre a morte,  
Ela só fala sobre a vida.  
E ela sempre nos pergunta:  
“o que é que você está esperando”

*omdra, 204*

*O futuro existe?*

Só existe o presente.  
Existe o passado  
mas o passado só é real  
quando tem lugar no presente.  
Porque somente assim  
ele engravida o presente.

O futuro existe?  
Pode existir.  
Não sei como vai ser,  
mas pela fantasia  
ele se torna presente.  
E é justamente aí  
que surge a esperança.

*Fomos maus alunos, 73*

*fogo, estrelas e cometas*

Os fogos de artifício se parecem com a alma...  
Gostaríamos de morrer daquele jeito,  
naquela exibição de potência,  
subindo aos céus assobiando,  
para terminar num orgasmo de cores  
que ejacula jatos de prata  
fogo, estrelas e cometas.

*omdra, 213*

*Eles se alegram imaginando*

O mais surpreendente nisso tudo  
é que a estrela inacessível  
tem um rosto de criança...  
Aqueles que ouvem a melodia do futuro  
plantam árvores a cuja sombra  
nunca se assentarão.  
Mas não importa.  
Eles se alegram imaginando  
que as crianças amarrarão  
balanços em seus galhos.

*Perguntaram-me, 87*

*A poesia são as asas da alma*

O Paraíso continua a existir  
como esperanças  
nas palavras dos poetas.  
O corpo come pão para poder andar.  
Mas para poder voar, e preciso ter asas.  
Os poetas são as asas da alma.  
A poesia, a mais humilde,  
é serva da esperança.

*omdra, 265*

*Deus é como os olhos*

Deus nunca foi visto por ninguém.  
Por acaso a gente vê os próprios olhos?  
Quem vê os próprios olhos é cego.  
Para ver com os olhos  
é preciso não ver os olhos...

Deus é como os olhos.  
Não podemos vê-lo  
para ver através dele.  
Deus é um jeito de ver.

*Perguntaram-me, 101*

## *Coisa estranha esta*

Coisa estranha esta,  
que do silêncio de um morto  
a vida seja invocada  
dos buracos onde se escondera.  
É que ela, a morte,  
tem o poder mágico de interromper  
a cadeia sem fim das banalidades cotidianas  
- ela faz parar o mundo.

E quando a isto que damos o nome de “realidade”  
é interrompido, abre-se um espaço novo  
para aquilo que não existe:  
os desejos esquecidos,  
as esperanças abandonadas,  
as utopias que um dia iluminaram horizontes,  
os sonhos que nos fizeram sorrir.

*omdra, 287*

*Também o real é uma invenção*

Também o real é uma invenção.  
E o mágico é isto:  
que o corpo, desprendendo-se  
das ligações que o prendem àquilo que é,  
possa ser possuído por aquilo que não é.

Aquela coisa pesada  
que se arrastava  
desajeitadamente pelo chão,  
repentinamente fica leve,  
transparente,  
utópica ao vento.

As coisas que são,  
é como se não fossem;  
e as coisas que não são  
é como se fossem.

*Da esperança, 19*

*Se algo existe*

Heidegger lembra que  
“a palavra é a morada do ser”.  
Agora, não mais apenas o humano,  
mas o Ser que há nele,  
pois, se algo existe,  
existe porque sua essência  
pode ser pronunciada.

E pode ser pronunciada  
porque a palavra  
constitui aquele que a diz.  
Somos seres que existimos.  
A nossa essência ontológica é real,  
é acreditável, porque dizemos  
e nos dizemos através da fala.  
Essa fala profunda.

*Encantar o mundo pela palavra, 51*

*Deus é como o vento*

Deus é como o vento.  
Sentimos na pele quando ele passa,  
ouvimos a sua música  
nas folhas das árvores  
e o seu assobio  
nas gretas das portas.  
Mas não sabemos de onde vem  
nem para onde vai.  
Na flauta o vento  
se transforma em melodia.

Deus é uma suspeita  
de nosso coração  
de que o Universo tem um coração  
que pulsa como o nosso.  
Suspeita... Nenhuma certeza.

*Perguntaram-me, 54 e 55*

*É nesse silêncio*

A magia do poema  
não está nas palavras do poeta.  
Está nos interstícios  
que há entre suas palavras.  
É nesse silêncio  
que se ouve a melodia  
que não havia.  
Aí a magia acontece.  
“Faz-me chorar”.

*Encantar o mundo pela palavra, 52*

*Encontro a minha alegria*

Há muito tempo  
que não me faço essa pergunta,  
se tenho esperança  
de que as coisas deem certo.  
Encontro minha alegria  
em realizar a sementeira.  
O ato de semear, em si mesmo,  
é um ato de alegria.  
Isso me basta.

Agora, o que vai acontecer?  
Eu não tenho a menor ideia  
do que vai acontecer.  
O que é importante para mim  
é viver de maneira intensa  
o presente que está diante da gente.

*Ela é uma estrela*

A esperança serve  
para dar alegria aos tristes.  
Ela é uma estrela.  
Estrelas não aparecem  
durante o dia.  
Estrelas só brilham  
durante a noite.  
Somente aqueles  
que caminham de noite  
podem vê-las.

*Perguntaram-me, 83*

*Um pleno entrando num buraco*

As memórias ficam dentro da gente  
como uma espécie de vazio.  
Alguma coisa aconteceu,  
não acontece mais,  
mas fica presente como um vazio  
a que se dá o nome de “saudade”.

Quando a gente escuta uma música  
vê um lugar, vê uma fotografia,  
é como se houvesse  
uma experiência de encaixe,  
quase uma experiência sexual.  
Um pleno entrando num buraco  
que existe dentro da gente.

## *Os saberes da segunda feira*

Os saberes da segunda feira  
nos dão razões para viver.  
Em que ordem?  
Primeiro vem o meu amor pela amada.  
É o amor que faz com que a minha memória  
deseje memorizar o seu número de telefone.  
Primeiro o amor pelo poema.  
É o amor pelo poema  
que vai me provocar a conhecer a literatura.

Primeiro o amor pelas estrelas  
e pelo enigma do universo.  
Será isso que me provocará ser astrônomo...  
Assim temos de perguntar:  
Isto que se tenta ensinar  
é objeto de amor dos alunos?  
Isso que se tenta ensinar é ferramenta  
para que os alunos atinjam o objeto amado?

## *Fomos maus alunos, 114*

*“segunda feira” nesse poema nada tem a ver com o dia da semana. A “primeira feira” é a feira das utilidades. A segunda feira é a feira das inutilidades que o desejo aspira.*

*É aquela árvore*

Há árvores que têm  
uma personalidade,  
e os antigos acreditavam mesmo  
que possuíam uma alma.  
*É aquela* árvore,  
diferente de todas.

*Conversas com quem gosta de ensinar, 18 e 19*

*Somente os apaixonados*

Ah! Como a paixão é doce.  
Somente os apaixonados  
sabem viver e morrer.  
Somente os apaixonados,  
como D. Quixote,  
vislumbram batalhas  
e se entregam a elas.

*Conversas com quem gosta de ensinar, 27*

*O que queria eu dizer?*

Conta-se que uma senhora  
perguntou a Beethoven,  
depois de haver executado  
um de suas composições ao piano:  
“Que queria o senhor dizer com esta peça?”  
“O que eu queria dizer?  
É muito simples”.  
E assentou-se ao piano  
e executou-a novamente.

*Conversas com quem gosta de ensinar, 79*

## *Literatura*

Existe sempre a fantasia  
de que, num momento do futuro,  
será possível criar uma máquina  
que nos permitirá viajar através do tempo,  
da mesma forma como existem máquinas  
que nos permitem viajar através do espaço:  
bicicletas  
carros  
navios  
aviões...

Mas acontece  
que a dita máquina de tempo já existe.  
Só que ela não é feita de plástico e metais  
e nem movida a gasolina.  
A máquina do tempo é feita com palavras.  
E ela se chama “literatura”

*omdra, 290*

*Nada melhor que o contraste*

Nada melhor que o contraste.  
A sala de visitas, por exemplo.  
Lá no interior de Minas, faz tempo.  
Retrato silencioso oval do avô, na parede;  
samambaia no cachepô de madeira envernizada;  
porta-bibelôs; as cadeiras, encostos verticais,  
90 graus para que ninguém se acomodasse;  
capas brancas engomadas,  
para que nenhuma cabeça brilhantina se encostasse;  
os donos dizendo em silêncio: “está mesmo na hora”,  
enquanto a boca mente dizendo: “ainda é cedo”,  
na hora da partida,  
junto às recomendações à tia Sinhá  
(porque toda família tinha de ter uma tia Sinhá).  
Aí a porta se fechava,  
e a vida recomeçava, na cozinha...

*Estórias de quem gosta de ensinar, 142 e 143*

*Mas vem o tempo em que a taça se enche*

A felicidade começa na solidão:  
uma taça que se deixa  
encher com a alegria  
que transborda do sol.  
Mas vem o tempo  
quando a taça se enche.

Ela não pode mais conter  
aquilo que recebe.  
Deseja transbordar.  
A felicidade solitária é dolorosa.

*A alegria de ensinar, 12*

## *Leonardo da Vinci*

Mente inquieta,  
incontrolável, indomável,  
dominada pelo fascínio do mundo  
- seus olhos e seu pensamentos  
não conseguiam descansar  
ante os infinitos objetos do mundo,  
existentes por existir.

Julgava a pintura a suprema das artes,  
pois por meio dela se podia  
captar visualmente  
a harmonia da natureza  
construída segundo  
os princípios da matemática.

O que era Leonardo?  
Pintor,  
músico,  
arquiteto, poeta,  
engenheiro,  
geólogo,  
biólogo.  
Todas essas coisas.  
Dentro do seu corpo  
vivia um universo.

*As palavras são entidades mágicas*

Tudo adormecido...  
O que vai acordar  
é aquilo que a palavra vai chamar.  
As palavras são entidades mágicas,  
potências feiticeiras,  
poderes bruxos que despertam os mundos  
que jazem dentro dos nossos corpos  
num estado de hibernação, como sonhos.

Nossos corpos são feitos de palavras...  
Assim podemos ser príncipes ou sapos,  
borboletas ou lagartos,  
campos selvagens  
ou monoculturas.  
Leonardos  
ou monótonos funcionários.

*Alegria de ensinar, 54*

*pequenos poemas  
de  
três linhas*

Cada planta  
é o início  
de um mundo.

Há descobrimentos de origens,  
mais belos são  
os descobrimentos de destino.

O aprendido  
é aquilo que fica  
depois que tudo foi esquecido.

O que vai acordar  
é aquilo  
que a palavra chamar.

Os fogos que neles  
acendo  
iluminam o meu rosto.

Também nós  
somos feitos  
de cacos.

E na terra  
ouvia-se  
o barulho do vento.

Não precisamos dizer o seu nome  
Rosa  
para sentir o perfume.

Por vezes  
quando estou muito triste  
eu sonho.

Aqueles que veem as estrelas  
ora são chamados de profetas  
ora de poetas.

Vênus  
brilhava enorme  
no poente.

Os que semeiam  
com lágrimas  
com alegria ceifarão.

*poemas encontrados  
em livros de Rubem Alves*

*Ler as canções que escreveram*

Pelo poder da palavra  
ela pode agora navegar com as nuvens,  
visitar as estrelas,  
entrar no corpo dos animais,  
fluir com a seiva das plantas,  
investigar a imaginação da matéria,  
mergulhar no fundo de rios e de mares,  
andar por mundos que há muito deixaram de existir,  
assentar-se dentro das pirâmides e de catedrais góticas,  
ouvir corais gregorianos,  
ver homens trabalhando e amando,  
ler canções que escreveram,  
aprender das loucuras do poder,  
passear pelos espaços da literatura, da arte, da filosofia,  
dos números,  
lugares onde o seu corpo nunca poderia ir sozinho...  
“Corpo espelho do universo! Tudo cabe dentro dele!”

*Alegria de ensinar, 68 e 69*

*Acende esperanças?*

Produz prazer?

É eficaz?

Acende esperanças?

Aumenta o desejo de viver e lutar?

Não perguntamos se a enxada

o pão

o sapo

o jardim

são verdadeiros.

*Conversas com quem gosta de ensinar, 82*

*Na dor da ausência*

Faço meus poemas sobre um Vazio, o meu Vazio.  
Não conheço nenhum outro.  
Em obediência a um mandamento sacramental:  
que o pão fosse comido e o vinho fosse bebido  
na dor da Ausência.  
A magia não está nem no pão  
e nem no vinho  
mas nas Palavras qu dizem a tristeza da Falta.  
O sacramento celebra a Ausência de Deus,  
ele enuncia os limites dos espaços da espera que se dilatam  
dentro de mim, eroticamente.

É a ausência que me excita.

*Da esperança, 17*

## *Teologia é um brinquedo que faço*

Teologia é um brinquedo que faço.  
É possível plantar jardins,  
pintar quadros,  
escrever poemas,  
jogar xadrez,  
cozinhar,  
fazer teologia...  
Claro que um jogo não exclui o outro.  
Alguns dirão que isso não é coisa séria.

Eu os conheço muito bem e já havia advertido o leitor contra eles.

Quem se leva a sério é, no fundo, um inquisidor.  
Está só à espera de que a ocasião apareça.  
Teologia é um exercício de beleza e humildade.  
Brincamos,  
como a própria Santíssima Trindade que,  
nos jogos intelectuais do venerável Santo Agostinho  
só fazia uma coisa,  
nas transas intra-trinitárias:  
brincar.  
Autoerotismo.

*Da esperança, 19 e 23*

## *Escrevi para me dizer*

Escrevi para me dizer.  
Brincadeira comigo mesmo.  
Se outros gostarem do jogo das contas de vidro, são bem-vindos.  
Só que não adianta e nem faz sentido tentar me entender.  
Nem sei se eu mesmo me entendo.  
Quem é dono dos próprios sonhos?  
No jogo o importante é compreender a conta de vidro.  
Ela não se oferece para ser objeto de análise.  
Num jogo de palavras é impossível de ser dito em português:  
a questão não é “to understand it”,  
mas antes  
“to stand ander it”.

Não são meus pensamentos, supostamente escondidos naquela  
conta de vidro,  
mas meus pensamentos, que aquela entidade mágica evocou.  
É preciso pensar os próprios pensamentos.

*Da esperança, 24*

*É dizer só poesia*

Minha teologia nada tem a ver com teologia.  
É vício.  
Há muito que deveria ter abandonado este nome.  
E dizer só poesia, ficção.  
Descansem os que têm certezas.  
Não entro no seu mundo e nem desejo entrar.  
Jardins de concreto me causam medo.  
Prefiro a sombra dos bosques  
e o fundo dos mares...  
Ali moram os mistérios  
e o meu corpo fica fascinado.

*Da esperança, 24 e 25*

## *Sonhar Deus de novo*

Sonhar Deus de novo, de um outro jeito.  
O pedaço arrancado do nosso corpo,  
nome não dito da saudade,  
satisfação fugaz (como a brisa que passa) do desejo  
(inesquecível)

Conspiradores:  
companheiros a quem não precisaria explicar coisa alguma,  
pois que respirávamos o mesmo ar: com/spirar...  
Pois não é assim?

*Da esperança, 35*

*O caqui não tem porquês...*

O caqui não tem porquês... Ele é vermelho porque é vermelho.  
Assim é a vida  
assim sou eu,  
caquis,  
companheiros de “barcas e gaivotas”  
e a sua tranquila simplicidade de existir.  
Tem a tranquila simplicidade de existir.  
Tem uma tristeza sim.  
Todos os pores-do-sol,  
todos os abraços de dor,  
todas as coisas belas  
são tristes.  
Somos pranteadores.  
Viver é con-viver com a perda.  
É isto que nos torna belos: “o olhar da eternidade...”

*Da esperança, 42*

*Pai, mãe de olhos mansos*

Pai, mãe de olhos mansos,  
Sei que estás invisível, em todas as coisas.  
Que o teu nome me seja doce.  
A alegria do meu mundo.  
Traze-me as coisas boas em que tens prazer:  
O jardim,  
As fontes,  
As crianças,  
O pão e o vinho,  
Os gestos ternos,  
As mãos desarmadas,  
Os corpos abraçados...  
Sei que desejas dar-me o meu desejo mais  
  fundo desejo que esqueci...  
Mas tu não esqueces nunca.  
Realiza, pois, o teu desejo, para que eu possa  
  rir.  
Que o teu desejo se realize em nosso mundo,  
da mesma forma como ele pulsa em ti.  
Concede-nos contentamento nas alegrias de  
  hoje: o pão, a água, o sono...  
Que sejamos livres da ansiedade.  
Que nossos olhos seja tão mansos para com  
os outros como os teus são para conosco.  
  Porque se formos ferozes não pode-  
  remos acolher a tua bondade.  
E ajuda-nos para que não sejamos enganados  
pelos desejos maus, e livra-nos daquele que  
  carrega a Morte dentro dos  
  próprios olhos. Amém.

## *Espalhar minhas sementes*

Na praia o que se faz não é provar: ciência.  
É gozar: poesia.  
Poesia é o discurso da fruição, da união mística.  
Faço teologia por isto.  
Porque é belo.  
Teologia é como brinquedo:  
alegria sem metafísicas...  
Gozo do próprio texto.  
Porque faz bem ao meu corpo.  
Sacramento que distribuo aos conspiradores.  
Um jeito de fazer amor universalmente,  
espalhar minhas sementes,  
buscar a suprema alegria de ver,  
no rosto dos outros,  
a alegria de se encontrarem no que escrevo.  
Sou-lhes, pelo meu texto,  
um caqui.  
Tomai e comei: isto é o meu corpo.

*Da esperança, 43*

*livros de Rubem Alves*  
*lidos para se encontrar o que se leu*

*Da esperança*  
1987, Papirus, Campinas

*Retorno e Terno*  
1995, Papirus, Campinas

*O quarto do mistério*  
1995, Papirus, Campinas

*Estórias de quem gosta de ensinar*  
2000, Papirus, Campinas

*Conversas com quem gosta de ensinar*  
2000, Papirus, Campinas

*A alegria de ensinar*  
2000, Papirus, Campinas

*Fomos maus alunos*  
*(Com Gilberto Dimenstein)*  
2003, Papirus, Campinas

*Encantar o mundo pela palavra*  
*(com Carlos Rodrigues Brandão)*  
2010, Papirus, Campinas

*Conversas sobre educação*  
2003, Verus Editora, Campinas

*Conversas sobre Política*

2002, Verus Editora, Campinas

*Perguntaram-me se acredito em Deus*

2007, Planeta, São Paulo

*O melhor de Rubem Alves*

*(organizado por Samuel Lago)*

2008, Nossa Cultura, Curitiba